

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Adelino Almas da Fonseca

registada em 2009-02-04
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Adelino Almas da Fonseca

Adelino Almas da Fonseca nasceu na Benfeita, no dia 4 de Fevereiro de 1936. O pai chamava-se Augusto Joaquim da Fonseca e a mãe Maria de Jesus Almas. Eram da Benfeita. A mãe trabalhava no campo. O pai do campo partiu para Lisboa, novito. Adelino andou na escola, na Benfeita, mas diz nunca ter sido de estudos. Depois, trabalhou nas obras na aldeia, até que com 16 anos foi para Lisboa. Esteve lá quatro anos e depois passou para Odivelas. “Sempre na construção.” Com 27 anos partiu para a África do Sul. Andou entre a aldeia e África, por fim, voltou para Lisboa, onde ficou 15 anos, a trabalhar até se reformar. Em 2001, regressou para a Benfeita. Conhecia a esposa da escola. Depois de dois anos de namoro, autorizado pelos pais dela, surgiu o casamento, na igreja da Benfeita. Tiveram dois filhos.

Índice

Identificação Adelino Almas da Fonseca.....	4
Ascendência Augusto Joaquim da Fonseca e Maria de Jesus Almas.....	4
Casa "Escapava".....	5
Educação "Não fui nunca de estudos".....	5
Percurso profissional "Trabalhei sempre na construção".....	5
Migração Histórias de emigrante.....	10
Quotidiano "Aqui é que me sinto bem".....	12
Namoro "Eu amo ela, ela me ama".....	13
Casamento "Deus queira que muitos anos".....	15
Descendência "São uns filhos porreiros".....	17
Religião "Tenho fé que há um Deus".....	18
Lugar Aldeia da serra.....	19
Pessoas O padre e o poeta.....	22
Costumes	23
Avaliação "Abrir um pouco o que era o passado".....	26

Identificação *Adelino Almas da Fonseca*



Adelino Almas Fonseca (anos 60)

Chamo-me Adelino Almas da Fonseca. Nasci na Benfeita no dia 4 de Fevereiro de 1936.

Ascendência *Augusto Joaquim da Fonseca e Maria de Jesus Almas*

O meu pai chamava-se Augusto Joaquim da Fonseca e a minha mãe Maria de Jesus Almas. Eram daqui da Benfeita. Conheceram-se cá. Não havia outra solução. Eles eram de cá, cá se conheceram.

A minha mãe trabalhava no campo. O meu pai também. Do campo partiu para Lisboa, novito. Andava na Câmara em Lisboa. Quando eu nasci, já devia lá estar. Foi um tempo dificultoso... Ele ganhava pouquinho. Era mau. Mas pronto. Depois, reformou-se com 300 escudos. Mas 300 escudos não dava para viver. A minha mãe trabalhava era muito no campo e assim se defendia.

Custa. Lembrar o passado custa... Há aqui coisas que eu até me custa falar. A minha mãe, quando foi no campo, era terrível. Quer dizer, terrível, porque trabalhou muito.

Casa "*Escapava*"

A casa era boa. Escapava. Não era má. Mas não era como hoje. Hoje, dizem aí que está mal, mas está um paraíso. Tinha dois quartitos. Quarto, sala e a cozinha por fora. E pronto, vivia-se. Era à maneira. O mal era a dificuldade de antigamente, porque não ganhava para viver. Como é que dava?

Nós dedicávamo-nos ao terreno. A minha mãe a semear as batatas. Hoje ninguém se dedica ao campo. Com um pau era com que batia as batatas para as pôr no rego. E ela, coitadita, a cavar. Cultivávamos milho e o que calhava... Era assim a vida. O meu irmão, depois, começou cedo a ir para a floresta.

Educação "*Não fui nunca de estudos*"

Andei aqui na escola até não sei que idade. Os 12, 13. Pois. Eu também não era muito... Não fui nunca de estudos e também pensava na brincadeira. Claro, a minha mãe, coitadita, fez tudo o que pôde para a gente, mas a gente também era aquela coisa... Criancice, pensava que a escola não era útil. Aquelas embrulhadas.

Percurso profissional "*Trabalhei sempre na construção*"

"Fui para Lisboa"

Depois, trabalhou-se aí nas obras. Com 16 para 17, fui para Lisboa. Foi o meu irmão que me arranjou. Já lá andava. Mandou-me para lá para as obras. Estive na Casimiro Ferreira. Lá andei quatro anos. Depois, passei-me para Odivelas. Já se sabe. Era a vida, as dificuldades. Mas, mesmo na altura, fazia-

se muito dificultoso. Por lá andei, defendi-me. Lá andei na guerra, sempre na construção. Aprendi a pôr estuque, andei nos estucadores, era já jeitoso. Chateei-me ali. Chateei-me um pouco, que eles mandavam-me ir cortar paus ali para um lado e os outros ficaram a acabar o trabalho de empreitada. Depois, como viram que a empreitada já estava a acabar, queriam-me passar lá para cima. Fiquei chateado. O meu irmão mandou-me ir e pronto. Mas andei lá bem. Pronto, controlei-me.

Não foi difícil adaptar-me a Lisboa. Foi até mais ou menos. Já saía mais cedo. Aqui, era de sol a sol, um bocado mais, ainda mais um bocadito. Mas a vida da gente lá era difícil. Não podia ficar a dever a um merceiro nem a um padeiro. Tinha que se controlar. Tinha de fazer a "buchadita", o comer à noite e tal e era assim o equilíbrio. Não era como aí estão. Em Lisboa, a gente era três num quarto. Vivía com a minha prima. Depois, tive primeiro que vir fazer nove rés-do-chão com um tipo que era aqui da Dreia. Era um empreiteiro do estuque. Até aprendi com ele. Depois, passei-me para Odivelas, porque não tinham lá acomodação e disseram para a gente ajeitar para outro lado. Passámos para Odivelas. Era uma vivenda num rés-do-chão. Depois, estive com uma prima minha daqui. Ainda aqui está. Estive lá muito tempo com eles e daí, parti para a África do Sul. Era muito difícil, era difícil a vida. Toda a malta daqui sabe como é que eu lá vivi. Hoje, é um paraíso. Isto é uma maravilha. Não digam mal disto hoje. Vamos a ver o que vem. Vamos a ver o que vem.

Havia gente daqui por lá fora. Pardieiros, Benfeita, havia por lá tudo. Muita gente. Tudo espalhou. Fugiu tudo. O povo fugiu. Aqui dos Pardieiros também era muita gente a vender fruta, a vender o que calhava. A gente encontrava malta do Minho, malta de tudo. Quando nos juntávamos, então quando eles traziam um garrafão de vinho ou chouriço, era tudo um convívio uns com os outros. Hoje, já não é aquelas amizades. Iam ao Minho:

- "Ui, eu vou lá e trago isto!"

Presunto e tal. A gente fazia sempre a nossa paródia uns com os outros.

Eu vinha aqui de ano a ano. Vinha, às vezes, era só 15 dias, conforme calhava. Em Lisboa. Claro que isto não é como hoje. Hoje, aí vêm eles com o carro. Eu andei na carrinha, nas camionetes, como calhava. É, é. Isto era lindo. Onde é que havia dinheiros? Na altura que eu fui já ia a escapar. Em Lisboa, já se juntava alguma coisa. Já se ganhava mais alguma coisa. Nem sei se era 70 paus por dia, se que era na altura. Já escapava. No fim do mês, às vezes, de um mês para outro, já se juntava mil paus. Mil paus! Uma vez, houve um tipo aqui em cima, o tio Calaias, andou a cortar cepos para o lagar. Quando o tio Alfredo foi pagar, juntou mil paus. Ah, linda! Que vais para a sombra! Pois não! Mil paus já era dinheiro. Não é como hoje. Hoje, mil paus, vai-te embora, Zé, que está a chover. Nada se faz. Então, há 30 anos, eu trouxe aqui na casa pessoal a trabalhar

não sei se era a 300 escudos. Comprava uma carrada de areia por 700 escudos. O último cimento foi a 120. Era tudo equilibrado.

Estive em Lisboa até aos 27. Saí com 20 e vim com 27. Foram sete anos lá no outro lado. Foi um bocado dificultoso. Eu, se tivesse dinheiro, tinha fugido. Mas aguentei, aguentei.

Num país diferente

Mais tarde, com 27 anos, passei-me para a África do Sul. O meu cunhado mandou-me. Outro cunhado já o tinha passado para lá, já lá estava há uns anos. Depois, este meu cunhado, o Martinho, foi para lá e mandou uma carta de chamada. Mas a passagem de novo visto era mau. Via-me atacado! Nunca mais vinha. Cortavam, cortavam, estava a ver que não ia. Dificuldades! O Salazar, na altura, não os deixava passar. Não queria e não estava a passar ninguém! Começou a ver a embaralhada, tudo ia-se embora e, na altura do Salazar, cortavam para baixo. Eu vi-me perdido. Então, e o que faziam aos madeirenses? Os madeirenses metiam-se num barco e em Cape Town era a nado para o outro lado, para se passarem. O gajo também cortava para os madeirenses. Por vezes, fechavam-nos dentro do barco, porque eles fugiam a nado. Os gajos sabiam nadar rápido.

Depois, disseram-me na embaixada sul-africana:

- "O senhor, agora, vá para Moçambique. De Moçambique, você passa-se para lá."

Deram-me esse conselho. Depois, tratei numa agência, mas a agência não... Era só dificuldades! Lá um tipo tinha uma tipa, um conhecimento, na embaixada, nesta coisa do cônsul, que é como chamava. Lá é que o papel era sempre enviado para trás e para a frente, para trás, para a frente, e eu nunca mais passava. Essa rapariga, depois, é que deu a volta aos papéis e dali fui-me embora. Lá me passei. Ainda demorou. Eu tinha autorização para entrada lá. Em qualquer altura entrava. Aqui, é que me cortavam a papelada toda. Até pagava pouco, na altura, pelas passagens para lá. Eu acho que paguei pouco. Fui de avião. No 727 por Espanha. Espanha, Angola, África do Sul. Antigamente, era muito ruim. Muito ruim. Eu não gosto de estar a aprofundar o que era a passagem, porque isto... O que lá vai, lá vai, mas até me está a tocar.

Lá, o trabalho era um bocado diferente, mas a gente adapta-se. Era mais controlado. Não era como aqui. Aqui, cada um faz à sua maneira. Lá, não. A gente entra dentro dum apartamento, aquilo é tudo igual. Fazem aqui igual, ali igual. Aqui, se aquele fez em aresta, aquele fez em gaveta. Lá, quando acaba o apartamento, a gente olha e o apartamento está todo por igual. É diferente o

nosso trabalho. Cada um puxa por seu lado. Não temos pessoas a prepará-los. Lá, aprende-se a arte, tem que se ter o livrozinho e sabe-se da sua categoria.

Ainda lá andei uns anos. Trabalhei sempre na construção, em várias companhias. O que é, era tudo judeu. Malta judia, mas boa malta, muito porreira. Boa gente, não tenho nada a dizer. Andei lá e ganhava-se para viver. Já estava a dar. Na altura, já dava uma coisita. Mandeí vir a mulher e lá me aguntei. Na altura, não a levei, porque não sabia as dificuldades que ia pagar. Ela estava em casa e eu ganhava o suficiente para os filhos comerem e beberem. Era muito diferente. Comprava-se uma casa com facilidade. Aqui um homem tem de pagar quatro, cinco casas. Lá, não. Lá, a gente comprava a casa, dava "x" e ia pagando. Depois dizia:

- "Quando o senhor puder liquidar, liquida."

Aqui é uma roubalheira. Admite-se isto? A gente anda a trabalhar para quem? Para os bancos? É uma tristeza. Não percebo nada. Como é que as pessoas, coitadas, podem comprar uma casa? Como é que a juventude pode comprar uma casa? Paga cinco, seis casas. Lá, não. Lá, com pouco tempo, a gente tinha a casa paga. Toda a gente trabalhava, chegava, ia-se às agências tratar, assinava-se, tanto, tanto, tanto, prazo de tanto tempo. Quando quer, paga, pagou. Acabou. Às vezes, a malta falava em voltar a Portugal:

- "Não, Portugal não é bom. É bom para cozer com couves e deitá-los aos porcos?"

É o que eles diziam, coitados. É aborrecido. Eles daqui, coitados, lixados.

- "Lá comem tudo e os outros não comem nada" - era o que eles diziam.

Os regressos

Depois, vim cá, voltei, vim à nossa vida. Aqui, andei agarrado a trabalhar. Mas um dia o meu irmão começou-me a dizer:

- "Oh! Amanhã é feriado, amanhã não-sei-quê, outro feriado, dia santo..."

Tantos dias santos! Tantos feriados aqui, como é que é isto? Agarrei, fui a Coimbra, marquei passagem, disse:

- Vou-me já embora!

Fugi. Fui para a África do Sul outra vez. Outra vez embora. Uma vez, cheguei lá:

- Isto já chega!

Aborreci-me com aquilo, voltei para cá. Ainda vim aqui nove meses. Fiz aqui a barraca, nem sei com que idade foi. Tinha 40 anos. Fiz a barraca, o dinheiro ficou quase escasso. Disse à mulher:

- Volto outra vez!

Arranquei. Estive lá um ano ou dois sem a mulher. Fui lá andar outra vez. Eles foram lá ter comigo. Ainda lá andei mais oito anos. Oito anos, disse:

- Ó mulher, já chega!

Começou a vergar, a vergar, vim-me embora para cá. Já estava cheio daquilo. Vim-me embora. Não estou arrependido. Um filho ficou lá, anda na tropa, mas eu tive que passar o outro para lá não ficar. Essas trapalhadas todas. Arranquei para aqui para a Benfeita. Estive cá um tempo. Comecei a andar nas obras, mas isto não dava. O meu filho, o meu Rui, estava lá sozinho na indústria hoteleira. Também me passou aí a dar uma certa ideia e eu comecei a ver que isto não era vida. Um dia, ele veio cá e diz:

- "Ó pai, eu vi que isto não era vida para mim..."

Tinha aí meia dúzia de tostões. Veio-se tudo embora. Até com a renda não me aguentava. Fui outra vez para Lisboa. E fiz bem ao rapaz e tal e lá me aguntei. Fui para lá um tempo sozinho até que arranjei uma barraca. Depois, arranjam um andar e passei-me para o andar. Estivemos lá um tempo. O raio da senhoria só queria tudo para ela. Uma casa reles. Também não melhorei nada, porque era um andar. O raio da gaja rica como o raio. Era 50 quando queria mais dinheiro. Depois, tive um andar aí no Casal de São Brás. Porreiro. Gosto do Casal de São Brás. Ainda hoje gosto daquilo.

Fui trabalhar para a Teixeira Duarte, em Lisboa. Até entrei em outro mundo muito diferente. Quem vem do estrangeiro para se adaptar aqui, cuidado... Custa bastante. O povo é muito diferente. Mas lá me fui adaptando, um bocado rude e pronto, com um bocado de dificuldade, lá aguntei mais uns 15 anos. Trabalhei no andar do fogo, cá em baixo, no Rossio. Mesmo no Chiado. Aí é que me peguei na Teixeira Duarte. Andei lá uns 15 ou 16 anos. Acabei o último bocado de tempo no Corte Inglés. Eu queria-me vir embora. Estava cheio de obras, até já me doíam os joelhos e tudo. Aquilo lá parecia um inferno. Era ruim. A descer e a subir... Andava já saturado e fui pedir ao engenheiro para me mandar embora, que estava farto. Que me aguentasse, que precisava mais de mim, porque não tinha pessoal para acabamento... Depois, por acaso, o engenheiro foi um gajo porreiro. Chamou-me à atenção, vim-me embora. Apanhei a reforma e cá fico na minha terra, que é onde eu quero estar. A vida é o diabo. É o diabo. Passou-se bom e mau.

"Vim embora, porque gosto da minha terra"

Em 2001, viemos para aqui. Agarrei:

- Quero-me vir embora. Já estou cheio!

Organizou-se a nossa vida. Os filhos ficaram lá. Estão porreiros, pronto. Vim embora, porque gosto da minha terra. Onde nasci. Já em África, tinha a ideia de vir. E vim. Em Lisboa, não estava descansado. Não gostava de lá. Os meus filhos estão-me sempre a dizer:

- "Ó pai, vá..."

Mas eu chego lá, vou para o jardim, estou a fazer o quê? Que é que eu estava a fazer lá na cidade? À espera que a morte viesse, sentado no jardim? Ah! Não fui criado assim. Não estou à espera. Ali sentado no jardim, não conheço ninguém. Não conhecia ninguém. Enquanto trabalhei, pronto, é bom, sem dúvida. A pessoa tem lá trabalhinho e tal. É muito melhor. Mas a pessoa não tem trabalho que é que está ali a fazer? À espera que a morte venha sentada num banco? Não... Não quero saber de Lisboa.

Migração *Histórias de emigrante*

"Ainda nos encontramos uns com os outros"

Na altura, ainda não havia muitos portugueses. Aquilo era um bocado dificultoso. Custou-me um bocado lá adaptar. O trabalho é diferente, o horário, a maneira de falar e tudo isso. Mas, depois, lá me fui adaptando e habituei-me. Já havia muita portuguesada. Estive em casa do meu cunhado, mas ele via poucos portugueses. Depois, passei para Joanesburgo. Morei em La Rochelle. Aquilo era Portugal dos pequeninos, praticamente. A gente fazia convívios, discutíamos a bola, encontrávamo-nos. Ainda aqui há tempos encontrei um tipo ali na Amadora:

- Olha, eu conheço-o!

- "Mas de donde?"

- Conhecemos! Oh pá, então a gente tanta vez esteve no... Olha, já nos conhecemos. Tanta vez esteve na paródia lá em La Rochelle. Estivemos em La Rochelle a falar um com o outro...

- "É verdade!"

Há tempos que a gente não se via. Já não nos conhecíamos. Depois, começámos a ver onde é que estivemos uns com os outros. A gente na altura vai modificando e tudo isso. E é assim a vida. É assim a vida. Às vezes, ainda nos encontramos uns com os outros. É a paródia. É a vida. Mas antigamente isto era um diabo...

"Foi difícil aprender o inglês"

Foi um bocado difícil aprender o inglês. E muitos sabem muitas línguas. Sete línguas ou mais. É muita complicação. Os próprios pretos também não iam para outra linguagem. Eram umas sete, já não se entendiam. Eu falava muito zulu e defendia-me. Não percebia lá a outra língua. Falava mais o zulu que o inglês, porque lidava com zulus, pretos. Não tenho razão de queixa deles. Malta porreira. Educados, sem dúvida nenhuma. Não tenho nada com eles.

Havia aquele Apartheid, pronto, mas aquilo era só autocarros e restaurantes diferentes. De resto, trabalhavam com nós e iam para os "shopping centers". Eles iam como nós comprar essas coisas. Só nos restaurantes é que é diferente. E havia casas de banho para eles lá na cidade e no comboio também era diferente. Mas de resto... Havia uma coisa que eu não gostava muito, que eu também condenava. Tinham de usar um passe e a polícia andava em cima deles. Aí é que é chato. A pessoa ser da terra e não poder trabalhar em qualquer parte do país. Eu condenava isso. Também não gostava. Mas, pronto, a terra é que mandava, o país é que mandava e eu não podia dizer nada. Agora, é que deu-se isto tudo. Estas grandes enroladas.

"Fiz boas viagens"

Ainda fiz alguns oito ou nove voos de avião para cá e para lá. Fiz boas viagens. A minha mulher uma vez diz que fez uma viagem que eu vinha a dormir e o avião para baixo e para cima. Apanhei, uma vez, também, uma trovoada. Ai, Nossa Senhora! O avião a passar, passar, passar... Outra vez, fui por Rodésia. A Rodésia é um grande país. Mal-empregado! Estragou-se tudo. Na Rodésia, o avião por aí acima, depois, já ia baixo, já baixava. Dançava. O Rui é que dizia, agarrado aos assentos. Estava ele a brincar.

"Gostei de Moçambique"

Fui passar férias a Moçambique quatro vezes, duas vezes lá os dois. Por duas vezes, ela estava aqui e eu estava lá. De graça. Eu gostava imenso daquilo. Fatura naquela gente, produto fresquinho. Tudo fresquinho na praça. Tudo bom. Às vezes, estive no campismo. A gente ia lá ao restaurante. Umhas vezes, comia ao restaurante, outras vezes, a minha mulher fazia lá o comer num fogãozinho. Íamos ali à beira-mar. Gostava imenso. Um ambiente porreiro. Gostei de Moçambique. Depois, estragou-se tudo. Nunca mais lá fui. Estragou-se, vim-me embora. Mas era boa terra.

"Um rádio tão bonito"

Vendi lá um rádio de sala, um Super Sony, que era feito na Rodésia. Nunca devia ter vendido aquele rádio. Vendi-o a um preto. Parecia uma mala. Hoje, devia-o ter aí para recordação. Hoje, aquilo dava dinheiro. Ah! Um rádio tão bonito... Começou a haver aquela coisa, cada vez mais moderno, mais moderno, mas não precisa de se desfazer. Aquilo hoje era jeitoso. Era uma antiguidade.

"Emigrante sofre um bocado"

Até foi bom. Aquilo era bom. Porreiro. Foi mal-empregado. Era um grande país. Fruta, carne, tudo. A gente, na altura, chegava lá, comprava, por exemplo, meia vaca, que era baratíssimo. Iam ao campo, onde elas andavam a pastar, davam-lhe um tiro, matavam-nas, 90 rands na altura. A vida era boa mesmo. Era uma vida porreira. Mais tarde, começou "cá te ganho, cá te deixo". Estive lá oito anos e foi onde me safei. Não estou rico, mas era melhor. Melhorei, arranji esta casa. Isto agora nem para a mobília tinha. A vida de emigrante é um bocado... Sofre-se muito. A malta sabe.

A vida é assim. É como o cigano. Saco às costas e aí vai ele. Emigrante sofre um bocado. Até que se a gente adapte, oh, cuidado. Sofre-se um pedaço. Depois, vai-se adaptando, adaptando, adaptando e pronto. Mas a emigração é ruim, mesmo. É ruim. Dizem: "Vai-te embora que não és aqui... estás-nos a tirar o nosso trabalho". Bem, nós até éramos considerados bons operários. Na altura, precisavam lá de operários. Queriam pessoal branco para lá. Não tenho razão de queixa em nada, nada. Em todo o lado eram portugueses. Praticamente, as obras eram cheias de portugueses. Não tínhamos nada disso, mas enfim... Eles também não gostariam de ver a gente, sem dúvida nenhuma. É como eu estava a dizer, tirava-lhe o trabalho. Mas eles gostavam lá de nós. Só diziam que nós tínhamos uma coisa: não nos fazíamos para onde íamos. Não nos adaptava a casarmos. Eles queriam que formasse família, porque precisavam de brancos, mas nós não gostávamos de casar com as mulheres de lá. O português era sempre para a aldeia, sempre para a terra. Tínhamos um feito ruim. Estávamos sempre com a coisa para vir para a terra. Era o que eles diziam. Sempre com a coisa da terra. Lá um ou outro não, mas gostavam sempre de ir à terra. O madeirense é que se faz lá muito. Já se adaptam muito lá. Esses é. É assim. E cá estou. É claro, tudo se passa e cá estamos. Agora até à última etapa.

Quotidiano "Aqui é que me sinto bem"

De manhã, vou tratar das batatas. Vou ali cultivar um bocado de milho. Ainda criei ali uns 15 alqueires, 1 moio. Tenho um motor, rego aquilo um bocado de manhã. Distraio-me mais a mulher. Às vezes, vou ali buscar uns grelos. Ainda vou lá para o campo "pia fora"¹. Pego a minha volta pelo campo fora. Tenho a minha hortazinha, tenho as minhas coisinhas, temos ali nabiças, grelinhos, tenho ali bons pimentos e tomates, tudo. Tenho ali um bocadito que não é meu, mas cultivo. Só para desprezar, que não posso lá andar a subir os degraus. Tenho a franganada, bons frangos para matar outra vez. Vêm os filhos, há sempre para assar. Tenho-os ali para matar que é uma maravilha, que eu crio-os à maneira. Dou-lhes um bocadinho de ração. Não se pode falhar. Mas dou-lhes bom milho, junto com trigo. Hoje, cria-se um frango mole, mas criando-se aqui já anda cá rijo. Num frango destes, é sempre rijinha a carne. E canja e tudo. Ela é raro fazer, que eu não sou muito de canja, mas os filhos chegam a bom tempo. Dizem:

- "Ó pai, é muito diferente."

Não que não é! E os ovos. Ela tem sempre não sei quantas dúzias de ovos. Os meus filhos também são meus amigos e eu sou amigo deles. Trazem muita coisa. Sabem com quem lidam.

E é assim. Está-se aqui. E a manhã passa. Aqui a barraca tem sempre que fazer. Sempre fazemos qualquer coisa. Se estiver bom, vou semear mais um bocadinho de batata. Vimos para casa, faço a comida e depois a tarde passamos ali em beleza. Já descansamos. À tarde, às vezes, quando está sol, sento-me ali na cadeira a ver. O meu Bobi vê passar os aviões lá em cima com o fumo, béu, béu béu... Está sempre ao pé de mim a ver quando eles passam. E passo a minha tarde. No Verão, é bom ver as trutas lá a nadar. Vou por um lado, assento-me ali, daqui por um pouco está a tarde passada. Não posso beber muito. Os copos começam a dar cabo da gente. Fujo disso. Mas, às vezes, até me lá entretenho um bocadito, ainda pago lá dois copitos para a malta. Não faz mal. A gente conhece-se. Bebe-se lá uma imperial e está a tarde passada. Pronto. É assim a minha vida. Assim passamos a nossa vida. Aqui é que me sinto bem. Então, não é melhor que andar lá sentado num jardim ou a jogar as cartas? Eu não me entretém jogar as cartas. É muito diferente. E toda a gente devia ser assim: voltar ao campo.

¹por aí a fora

Namoro "*Eu amo ela, ela me ama*"



Lucrécia Fonseca, esposa de Adelino (anos 60)

Conheci-a aqui de miúdos! Ela andou na escola comigo, eu andei na escola com ela. De miúdos, andámos aqui. Aqui na terra havia muita rapariga, mas é uma ideia. É como o brasileiro: eu amo ela, ela me ama. Lá falei com o pai dela em baixo e tal:

- "Está tudo bem, está tudo bem..."

Tive que lhe pedir autorização. Pois! Ele era marreta! O pai dela, cuidado com ele! Beijar, só se fosse às escondidas! Passar um homem por ela era o diabo. Era terrível. Se houvesse qualquer coisa, as velhas começavam logo "rururu"... Velhas do inferno! É, é. Antigamente? Oh! Hoje, não é como antigamente. Agora, está tudo... Só se podia por o lado sombrio, para a velhada não ver. Às vezes, um homem namoriscava para aí. Era terrível. Oh, diabo! E à janela. Estava às janelas dum lado e doutro.

Mas ela gostou de mim e eu gostei dela... Namorámos dois anos. Eu estava em Lisboa. Vinha aqui, piscava-lhe o olho e ela piscava o olho a mim e tal. Estava aí um tempito, um mês ou nem sei, ia-me outra vez embora. Depois arranjou-se o casamento.

Casamento "*Deus queira que muitos anos*"



Casamento de Lucrecia e Adelino Fonseca (Benfeita, 10 de Setembro de 1960)

Depois, casámos. O casamento foi ali em baixo na igreja. Foi o senhor padre Loureiro. Um bom padre, coitado. Um dia:

- "Ó Adelino, ande cá beber uma bebidazinha."

Fazia umas bebidas à maneira dele. E como eu sou assim para as caldeiradas e tudo... Era um padre porreiro. Chega-me à sacristia, para me confessar:

- "Sabe, o casamento é uma carta fechada. É bem que se dêem bem... Tens que ver bem..." - e assim e assado.

Um bom padre, coitado. Um padre muito porreiro. Dava bons conselhos. Não estive lá com ladainhas... "É uma carta fechada, é bom que se dêem bem..." Um bom padre.

Eu ia bonito! Ia bem vestido! Parecia um engenheiro hidráulico! Deu um postal bonito! Mande fazer o fato em Lisboa. À maneira, todo à maneira. Depois, vendi-o a um preto lá na África do Sul. Não sei se também se casou com ele,

se não. Eu engordei lá um pouco e ficou um bocado acanhado. A comida é esta coisa. Vendi-o ao preto. Foi todo contente.

A minha mulher ia toda morenita. Ainda levava o ramo da laranjeira. Ia com a virgindade. Agora, virgindade, não há nada. É o que a outra disse do azeite: "que é da virgindade?" Não há!

"Que é da virgindade?"

*Lá no Lidl, eu andava no azeite e andava lá uma pequena minha conhecida:
- Olha que azeite, até tem um raminho. Este ainda tem a virgindade, é como a rapariga solteira...*

- "Está bem, está! Que é delas agora?" - disse a rapariga.

Ela gosta muito da paródia. Falo-lhe sempre. Vê-me, falo sempre. Ela disse:

- "Que é disso agora?"

Comecei na brincadeira:

- Olha a virgindade. É a virgindade. O raminho bonito. Há lá azeite.

E ela disse:

- "Que é da virgindade? Já não há virgindade!"

A festa foi aqui em baixo, na casa dela. Fizemos o jantar. Matou-se - ainda me recordo - um carneiro, que custou 500 paus. Parecia uma vitela. Era um carneirão! Nunca mais me esqueceu. Dei 500 paus pelo carneiro. Aqui há tempos, disse o Armindo, já faleceu:

- "Onde é que o comprou?"

Parecia uma vitela! Era aqueles jantares. Umhas senhoras, as cozinheiras, ajudaram. A tia Aida, a tia Celeste... Era sempre aquelas mulheres. Na altura, sabiam fazer boa comida. Havia aí umas cozinheiras, que faziam boa comida, organizavam aqueles jantares. Matavam as ovelhas, matavam os carneiros, matavam as galinhas caseiras - não havia galinhas do aviário, não havia nada -, matavam tudo, depois faziam aquela comida. Era à maneira. Não é como hoje que vão comer aos restaurantes. Que é do dinheiro dos restaurantes? O dinheiro era para comprar o fato do casamento. Tanto se poupava, poupava... Ainda hoje, não há para poupar. Para a roupa arranjei dinheiro e para o resto para a comida também se arranjou, olha que poça! Adeus para tudo! A malta não foi com fome e bebeu também. Depois, até houve luta que eles beberam demais. Até se zangaram. Eram 50 convidados. Davam uns copos, umas mantas, umas coisas. Não achei dinheiro. Que é do dinheiro? Era escasso. É como é hoje? Não havia dinheiro para parvoeira. Onde é que havia para parvoeira? Vá lá que lá vá...

A vida é assim. Fomos lá viver para baixo e daí a um tempo, fui-me outra vez para Lisboa. Ela ficou aqui sozinha alguns dois anos ou três. A vida era vir um bocado. Era assim. Hoje, vão uns atrás logo dos outros. Atrás de carro e dois. Como eles vieram, praticamente. Ela depois lá foi para passar comigo o Natal ou o que foi. Isto é um paraíso hoje. E pronto. Calhámos, cá estamos. Ela não está aborrecida comigo, eu também não estou com ela. Eu já lhe disse:

- Olha, estás mal, vai-te embora! Se queres-te ir embora, vai.

Ela não quer ir. E ela diz que eu que deixe e que vá eu, pronto. Eu não quero ir, deixa-me estar com ela. Portanto, vamos estando bem. Vamo-nos dando e Deus queira que muitos anos. É assim a vida.

Descendência "*São uns filhos porreiros*"

Tenho dois rapazes em Lisboa. Estiveram lá com nós. Estão lá porreiros. Agora, sábado, estão aqui comigo. E lá estão. Um está na Coca-Cola. É vendedor da Coca-Cola. E outro está no restaurante naquele coiso grande, no centro comercial de Alvalade. Lá estão. Ah, eles falam o dia todo:

- "Esta gente é um escravo."

Filhos porreiros, malta porreira. Graças a Deus, tenho uns filhos, que são uns filhos porreiros. Eles vêm cá e gostam mesmo. O meu Rui gosta e dá a voltinha dele. Gosta de cá estar que é o sossego. O sossego é tudo, diz ele. Diz:

- "Aqui, ninguém me chateia."

Vem para aí no carro, isso é o diabo. Tira a chapa quase ao carro. Ele gosta:

- "Aqui ao menos estou à vontade."

O que é, não é tipo de ir "pia fora"². Ou vai dar uma volta por longe ou aqui se entretém. É o tal passatempo. O outro é mais raro, mas também gosta de vir e dar a voltita dele. Enquanto a gente cá estiver, melhor, depois não sei se se afastarão. Mais tarde, vão dizer:

- "Não, deixa-me ir até cá."

É como eu. Eu andei, andei e disse:

- Vou regressar. Estou cheio de barulhos.

Era a confusão de Lisboa. Aquilo é o diabo. É uma embaralhada. Vai por um passeio tem que se pôr a pau, que agora vai pelo ar. A gente estamos aqui também sujeitos a cair. A velhice é o diabo. Às vezes, a passar o passeio, ei! A minha mulher até se ri quando lá ia:

- "Ó homem, põe-te a pau! Que ele leva a gente à frente!"

Mas enquanto a gente é novo, gosta daquilo.

²por aí a fora

A minha neta também gosta de cá. Adora. Esteve aí que tempos. Tomara ela aí poder no Verão. Há mais liberdade. Às vezes, lá fica e eu digo:

- Ó neta, à meia-noite, entras.

- "Está bem..."

Que ela já se sabe como eu sou.

- Ouve bem, estás cá, mas já sabes como eu sou.

E ela vem. Vem lá. Não tem mal nenhum.

- Quando muito, mando-te para o teu pai. Vais para o teu pai.

O neto, não. Outro dia, coitadito, veio muito à rasca. Subiu cá, não gostou.

Religião "Tenho fé que há um Deus"

Quando era novo, às vezes, ia à missa e comungava. Andei a beijar o anel ao bispo. Agora, desactualizei muito. Eu vou à religião dos protestantes, é uma coisa. Vou à religião do Reino de Deus:

- "Sai! Sai! Sai! Oh! Oh! Oh!"

E cai um para cada lado. É uma comédia.

- "Vai, e sai, deixe aí escondido para tirar o diabo com você!"

Então tinha algum diabo? Quer é dinheiro! O Reino de Deus? Cuidado com aquilo:

- "Uuuuuhhhh! Sai! Uuuuhhh! Boh, boh, boh! Sai, sai, sai, sai! Huhuhu!"

E o outro gajo já está feito. Aquilo é tudo uma fantochada. É para caçar o dinheiro. Vai a sair à porta... 5 continhos...

- Que é isso? Tirar o diabo? Você é que está no inferno, quer encher o saco à minha conta. Não leva nada.

Não acredito nessas coisas.

Eu tenho fé que há um Deus, apesar de nunca o ver. Sou católico até acabar, mas não sou muito de igrejas, porque vejo muita exploração sobre as religiões. E desacreditei, pronto. Eu tive que ir por o mundo fora para governar a minha vida. Eles fazem a mesma coisa. Portanto, cada um governa a sua vida e cada um se defende. É isso. Cada um puxa a brasa à sua sardinha. Eu tive que puxar para o trabalho para me governar e aos meus filhos. E eles fazem a mesma coisa. De religiões, estou muito desactualizado. Digo a qualquer um. Tenho fé que há um Deus, apesar de nunca o ver. De resto, religiões para mim... Uma vez, em Moçambique, fui aos protestantes e gostei. Só não gostei daquela barulhada deles. Quando foi entregar as prendas aos miúdos, foi outra embaralhada. De resto, gostei, gostei.

Lugar *Aldeia da serra*

"Sou do tempo que não havia luz"

Isto agora modificou bastante. Eu sou do tempo que não havia luz, não havia nada. Às vezes, ia-se buscar uma pinha para acender em casa. E para passar a ferro, às vezes, vinham buscar as brasas a casa da minha mãe. Era naqueles tempos maus. Coitaditas, eram umas para as outras. Isto, hoje, não é nada disso. Vivia-se mal mesmo. E depois tinham seis, oito filhos, coitados. Às vezes, a chover e a gente ia buscar lenha para queimar na lareira, naquelas lareiras que havia.

Jardim na serra

Isto aqui era tudo cultivado. Era um jardim, antigamente. E o Sardal? Aquilo era outro jardim. Agora, é tudo "silveirada". Antigamente, tudo era cultivado. Milho nestas coisas todas, tudo milho. Milho e feijão. Aqui dava sempre boa alface. O que era, era trabalhar o campo. O trabalho é duro. Foge tudo. Antigamente, tínhamos as enxadas, um ancinho. Era duns para os outros. Iam lá três e quatro a cavar terreno. Bumba com uns ancinhos grandes. Ainda lá tenho um em baixo. Vira, vira, vira, a descer com as terras. E as mulherezitas com aqueles gadanhos a semear o milho e a arrasar. Era assim que era a vida. Agora, já tudo tem um tractorzito, onde pode entrar. Hoje, já havendo esses pequenos tractores, já lavram muita coisa. Vem um tipo ali do Pai das Donas, o Ângelo, diz ele assim:

- "Não é nada para o que era antigamente."

Esse ainda faz umas lavragens. Nesse tempo, havia aí um homem, o tio Zé Antunes, que era da lavrada. Depois foi o Elísio, o filho. Vinham da Esculca, tinham juntas de bois, andavam aí. Ganhavam a vida a lavar as terras dos outros. Os bois, coitadinhos, esses bem sofriam. Uma vez, para entrar com os bois em cima, viram-se à rasca. As estradas eram ruins, os travões não travaram... Agora, não. Agora, já ia num tractor.

"Havia aí muita gente a fazer bom vinho"

Fazia-se muito vinho. Havia aí muita gente a fazer bom vinho. Agora, tudo vai acabando. Está tudo como está. No outro ano ainda fiz 400 litros. Este ano, fiz nem 100. Ainda fiz uma pinguita, mas está fraca. Este vinho é mais fraquito. É aquele vinho fraco. O vinho parece que é de outra qualidade. Hoje, vem um bocadito maluco. É um vinho para aquecer.

Resina e azeite sobre a estrada

Antigamente, não havia estradas. O que era a estrada antigamente! Não há muitos anos! Naquelas estradas ruins "pia cima"³, iam buscar resina. A resina era toda colhida dos pinheiros. Iam não sei para donde, para alcatrão. Iam também acartar a azeitona para o lagar. Havia aí lagares. Neste lagar ali, andavam uns dois meses ou mais a moer. Ali andava outro mais dois meses. Eram dois ou três lagares a moer. O que era isto! Moía-se aí muita azeitona. Só nos Pardieiros, o que não estava ali de azeite? Agora, isto fica aí tudo abandonado. Ainda agora se vê azeitona limpinha a estragar-se. Também se gastava muito mais azeite. Agora, é mais à base de óleos. Os fritos é tudo à base de óleos. Mas o azeite era muito bom. Escaldado à maneira. Às vezes, até metíamos mesmo só padeiro ali. Iam buscar um pão daqueles de 16 tostões, abriam, botava-se azeite, botavam para dentro da fornalha e comiam o azeite. Era! Fazíamos essas malandrices.

A Quinta da Misarela

A Quinta da Misarela é ao pé da Fraga da Pena. É na parte de lá, a seguir. As pessoas cultivavam lá o milho. Às vezes, ia-se lá até buscar palha. Pertence aos Pardieiros. Bem, depois, cá para baixo já tinham terrenos também na Benfeita. Mas parte daquilo era dos Pardieiros. Antigamente, até casavam lá em cima. Havia pessoas que casavam nos Pardieiros e casavam aqui. Depois, haviam heranças, herdavam de um lado e de outro. Era essas coisas assim embrulhadas. Comprou lá um inglês aquilo. Está lá agora um inglês na Misarela.

³por aí acima

"Puseram a Torre Salazar"

A Torre foi feita, devia eu ter uns 8 anos. Quem lá andou foi o tio António. O tio António é que foi o iniciador daquilo. Andou lá muito tempo. Recorda-me andar até uma roldana. Havia umas coisas feitas em corda que levavam as pedras lá para cima. Vinham as pedras numas zorras e também às costas, alguma. Tenho ideia que eram umas zorras carregadas de pedra. Os bois azorravam-na "pia baixo"⁴ dali duma pedreira ao pé do São Bartolomeu. As outras casas de baixo também foi numa zorra. Andaram para lá a acartar pedra e recorda-me de fazer a ponte. Recorda-me: era miudito e andava sempre a pôr os olhos.

Mas, depois, aquilo tinha muita carga de pedra e como não é uma torre muito larga, eles tiveram medo do apoio lá de cima e cortaram aquilo. As pedras ficaram ali. Eu sou dessa altura. Depois, o senhor Leonardo Matias, que foi o iniciador, retirou a carga em cima. Esse gostava muito da aldeia. Não sei o que se passou aí com eles. Os filhos até foram embaixadores em França. Mas é lá o 7 de Maio.

Depois, puseram a Torre Salazar. Foi lá da iniciativa dele. Eu acho bem. Cada um fez o que fez. Não é assim? Eu acho bem. Foi na era dele, foi na era dele, pronto! A Ponte 25 de Abril foi o Salazar que a fez. Acho bem assim. Ninguém tem nada. Fez o que fez, foi o que foi. A gente sabe. Foi mau. Sofremos um bocado com ele, pronto. Ouvi ali numa entrevista o tipo que lhe cortava o cabelo. Chorava por ele, coitado. Comovia-se com o que passou com ele. Esteve ali a dar a entrevista, coitado, e comovia-se, porque cortava-lhe o cabelo. Lá tinha as coisas, embora fosse um homem formado. Ele também foi pobre e, pronto, também gostava. Portanto, cada um fez o que fez. No outro dia, queriam lá em cima na terra dele fazer lá um museu e não admitiam. Então, sim senhora. Também está bem. Podiam pôr o que ele fez, que não foi o que devia fazer. A realidade. Assim é que era. Não é só mentiras. Assim é que devia ser, mas pronto...

O enfermeiro e o endireita

O tio Zé Augusto Martins era tipo enfermeiro, mas era entendido. Era meu vizinho. Ele é que corria as serras todas. Ele é que lá pejava. Tinha um cavalo e lá dava os remédios para as gripes, para tudo às pessoas. Os bons remédios. Quando

⁴por aí abaixo

faltasse, faltava tudo lá na serra. Era entendido. Depois, é que isto evoluiu. Também já morreu. Está diante, coitado, dentro da terra. Coitado, não arranjou fortuna. Trabalhava barato, coitado...

Casos de saúde

Uma vez, fui lá. Tinha aqui uma data de furúnculos. Diz:

- "Ó Adelino, isso é uma furunculose seca."

Lá me deu uns remédios e isto lá passou. Uma vez, deitava muito sangue pelo nariz quando era novo. Às vezes, ainda acordava cheio de sangue. Ele metia-me uns tufos de água oxigenada! Era entendido naquelas coisas.

Havia um homem, que parece que na altura já era canceroso. Ia lá, às vezes, coitadito. Era dos Pardieiros.

O outro era o tio Zé Maria. Também diz que era bom para essas coisitas, mas era mais de ossos e tal. Era endireita. Era bom para os ossos. Partia os braços, ele lá enfaixava aquilo e ficavam bons. Coitado, já partiu também. Esse, conheci-o bem. Cortava cabelos, também. O outro também cortava. Tinha uns poucos de operários ao fim-de-semana a cortar cabelo. Tinham barbearia.

Pessoas *O padre e o poeta*

Um padre porreiro

O padre Loureiro era bom homem, era bom homem. Eu chegava ali:

- Ó senhor padre Loureiro - um homem muito bom, muito bom.

- "Olha lá, ajuda-me aqui a botar um bocado de areia."

Andei a trabalhar lá em cima na capela mais o meu irmão, Deus lá tenha em descanso.

- "Ajuda-me a pôr aqui para a carrinha, para a gente fazer lá o trabalho em cima."

Quando era do azeite, iam pessoas lá em baixo beber, fazer lá a pândega. Era, era. Era um bom padre. Muito porreiro. Uma vez, andou a acartar madeira de castanho. O homem era do diabo. Era da paródia. Era um homem de paródia. E aqui o Brotas também era um tipo muito porreiro com os outros. Gostavam de acompanhar um pouco, fazer o jantar deles e brincar um pouco com os outros. Muito bom homem. Coitado, enfim. Já partiu, também, coitadito. O homenzito

morreu cedo. Ainda lá fui ao funeral dele. Era muito porreiro o homem, muito boa pessoa, extraordinário.

"Era poeta"

Do Simões Dias, não me recordo. Não o conheci. Tenho uma ideia que ele faleceu aqui. Nasceu aqui e parece que faleceu aqui. Foi ali a Praça Simões Dias. Tenho sempre ouvido falar nele e que ele era poeta, não sei quê, não sei que mais. Mas não posso, não tenho conhecimento dessa pessoa.

Costumes

"Era muito mais familiar"

A minha mãe criava sempre o porco de ano. Era muito diferente. Criavam-se porcos à maneira. Não era agora com farináceo ou farináceo. Era como os frangos. A minha mãe criou dois perus do catano! Bons perus, 10 quilos cada um! Era muito diferente. Todos os anos se matava o porco. Depois, havia aquela festa com a família. Coziam-se os ossos, faziam bucho e tudo. Era tradição. Quando coziam aquilo, faziam o jantar de família. Íamos todos à mesma festa, para a paródia.

As pessoas ajudavam-se mais, muito mais. Era muito mais familiar. Havia aquelas tradições das matanças dos porcos e aquilo tudo. Hoje, não. Hoje, é tudo mais separado. Em família, era muito diferente, porque havia a tradição. E a matança do porco era uma tradição de conjunto. Em conjunto. Hoje, não há essas coisas, embora haja a família, a gente uns aos outros. É muito diferente do que eu fui criado, claro. Havia sempre aquele jantar de família. Aqui, a gente, por exemplo, ia ao Sardal. Havia festa no Sardal. Havia sempre ali duas ou três pessoas. Íamos lá muita vez beber e comer. Era sempre primos e primos:

- "Ó primo, e tal?"

Havia o jantar no Sardal, havia o jantar nas Luadas. Ali nas Luadas também tinha lá pessoas amigas. Nós íamos lá a casa deles e eles vinham comer a nossa casa. Agora, está nada. Já nem se fala. Muito diferente. Alguma pessoa sepultada, tanta vez vejo, fui lá a casa dele comer e eles vinham comer a minha casa. Davam-se bem com a minha mãe e a minha mãe com eles. Era um tipo familiar. Não eram família, mas era familiar. Primo isto ou primo aquilo... Hoje, o mundo é muito diferente. O povo é muito diferente. Mudou tudo. Havia mais pobreza,

mas havia mais humildade. A gente ia para a festa para Caneças. Era uma farra uns com os outros. Era quatro, cinco, seis. Uma farra, tudo. Era só de manhã, pois, é uns copos mais umas iscas, mais... Quando íamos lá para cima ali para a festa para a Senhora das Necessidades, levava tudo o seu cesto cheio de comida, à maneira. Hoje, foge um para cada lado. Muito diferente. Tudo passou. Hoje, já não se vai. Não há nada, já nada do que era. Nada. Já não se encontra aquele convívio, aquela amizade uns com os outros.

Desfolhada

Na desfolhada, tínhamos um pau assim comprido. Depois, convidava-se de debulha para debulha. A gente além, pumba, pumba, a malhar, a malhar e uma mulherzita a "descasular" aquilo tudo. Passava de duas três horas de sofrimento. Ainda tenho lá em cima um pau curto. Pumba, pumba, pumba assim entre as pernas, trás, trás, até esmagar o milho.

"O Natal é em família"

O Natal é em família. Havia aí muito comida, sempre. Boa comida. Era jantarada desta coisa do porco. Nessas alturas, é quando faziam aquelas coisas do porco, da matança, daquele jantar, aqueles coisos dos ossos, aquelas coisas todas do porco. Uns deixavam sempre até um bocado de presunto e essa coisa toda e faziam aquela sopa e o bucho, aquilo tudo. Convidavam-se mais uns aos outros nessa altura no Natal. Na ceia, também é o bacalhau com as couves. Mas eu é muito raro bacalhau com as couves. Às vezes, até grão ou conforme calha. É assim. Era estas tradições de pôr as couves com o bacalhau e depois carnes e aquelas coisas todas. Aquela "couvada". Passou tudo. Vai tudo acabando.

"Guitarras e paródias"

Nas Janeiras, às vezes, andavam a pedir aí chouriças pelas portas fora. Toda a gente matava um porco e dava alguma coisa "pia cima"⁵, cá e além. Depois, coziam chouriço e aquelas moletes, aquelas brincadeiras todas, e pinga a malta. Havia guitarras e aquelas paródias todas. Faziam a paródia. Agora acabou tudo.

⁵por aí acima

"Na altura, havia convívio"

As festas daqui é a Senhora das Necessidades, o 15 de Agosto, e a festa do Santíssimo. Na altura, havia convívio. Quem passa a fé disto é uma comissão. Nomeiam de ano para ano as pessoas que devem fazer a festa. Fulano, fulano, depois esses é que fazem a festa e organizam. Mesmo essa festa do Santíssimo também é mais de casa. Lá em cima é que a gente, às vezes, ainda leva um cesto. Outro leva o cesto com a comida e ainda nos lá juntemos um casal ou dois, como eu me junto com este meu cunhado. De resto, está tudo para sair.

Na Páscoa

Na Páscoa, vem o padre levar algum. Vem a casa, dá a coisa dele e leva. É só pela Páscoa. De resto, cada um vai a suas casas. Acho que antigamente não havia essas coisas. Fazia-se a coisa em casa e acabou tudo isso. Suponho que era assim.

"Havia o Dia dos Compadres"

Também havia o Dia dos Compadres. Compadres e comadres. Mas acabou, já. Eu nem sei como era aquilo. Já nem sei explicar. Sei que eram rifas. Recordame que era miúdo e faziam os compadres e as comadres. Mas, depois, não sei como é que era organizado isso, já não sei explicar bem o assunto.

A Feira do Avô

A Feira do Avô já houve cá, mas agora não têm feito. Até fizeram já a Feira da Avó. Agora, usam fazer para Côja. Lá é que usam fazer de amiúde isso. Até já tenho ido. Aqui, houve uma vez ou outra mas depois pararam com isso. Tinham certos artigos a mostrar, a vender, quer com colheres de pau, aquelas coisas todas, umas daquelas casinhas que há de xisto. É um tipo que as faz ali nas Luadas.

"Qual lobisomem?"

Isso era uma trapalhada daqueles gajos espertos. Eu não acredito. Tive aí um tio que andou na candonga. Depois para assustar as pessoas, para se defenderem, diziam que vinham os lobisomens para a pessoa ter medo e fugir. Depois, defendiam-se a vender o pão e a vender, coitados, o que podiam. Havia candonga de tudo, porque foi no ano da miséria. Foi nessas alturas. E eles passavam. Diziam isso para se defender, os espertos. E as pessoas tinham medo. Se os viam, lá faziam uma algazarrazita ou alguma coisa para eles fugirem e não verem. E vinham vender a candonga. É, eu não acredito nada disso. Qual lobisomem? Era como diziam os velhotes:

- "Ui! Aparece assim e assustavam a gente."

Eu ando por todo o lado e nada me aparece Às vezes, o meu irmão, coitado, vinha da floresta, via uma sombra de uma moiteira, tinha medo. Elas nas debulhas é que faziam aquele programa:

- "Ui! Isto assim... Aparecem as bruxas, as bruxas bebem o vinho, as bruxas fazem..."

Ah! É tudo mentira. Não acredito nada disso. É tudo embrulhada. Eles é que eram espertos. Diziam que vinha isso, mas não vinha nada. Era para fazer o negócio deles.

Avaliação "Abrir um pouco o que era o passado"

Acho bem deste projecto. Abrir um pouco o que era o passado. De princípio da vida, não digo nada que são coisas... Tinha umas coisitas bonitas, mas não... Bonitas, não, feias, mas... Isto começa-me cá a embrulhar, a embrulhar...